

## Intérprete de libras em atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental

*Brazilian sign language interpreters acting in pre-school and elementary education*

**Resenha:** LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Porto Alegre, Mediação, 1996, 4ªed., 96 p.

**Simone Ferreira Conforto**

Doutoranda na Universidade Americana-PY. Mestre em Educação (UNESA). Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (1984). Graduação em Fonoaudiologia pela Universidade Estácio de Sá (1991)

E-mail: siconforti@ines.gov.br

**Material recebido em 29 de março de 2012 e selecionado em 31 de maio de 2012**

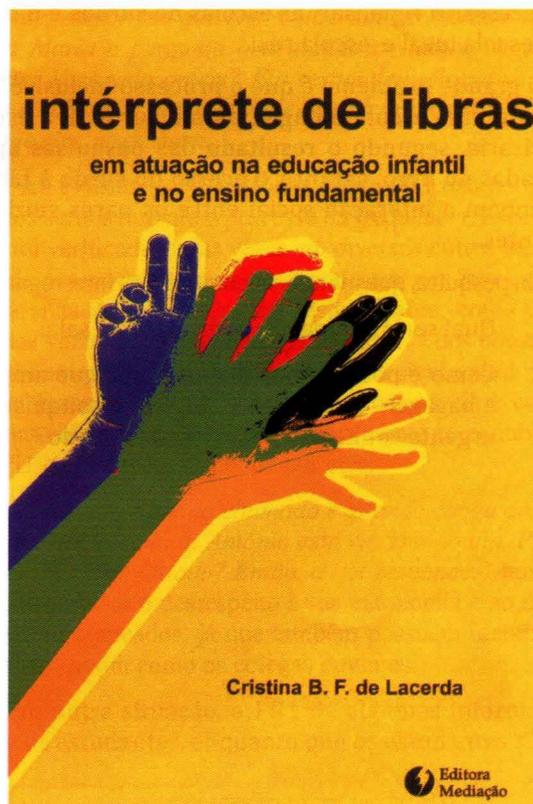
Neste texto bastante instigante, a autora nos traz uma grande reflexão do que seria a interpretação/tradução fazendo uma comparação entre estes dois campos.

Assim, em relação à interpretação traduzir não é apenas trocar de uma língua para outra, é fundamental definir os sentidos do que se quer e deseja traduzir.

Outros autores porém se referem à interpretação e tradução como sendo duas tarefas distintas e na verdade, traduzir é versar de uma língua para outra e interpretar envolveria relações pessoais.

Para a autora, na verdade, o que acontece é que o intérprete se envolve em relações sociais e diálogos face a face. Então, o tradutor/intérprete precisa sempre agir com rapidez em suas escolhas e não tem como refletir, sobre o que está interpretando.

Portanto, atualmente existem inúmeras formas de tradução simultânea e consecutivamente, sendo variadas as teorias de tradução. A autora destaca Pagura (2003) e a sua teoria interpretativa. Para ela, o aspecto estrutural desta seria que a tradução não pode se restringir ao nível linguístico apenas, mas precisa estar ligada aos aspectos culturais e, principalmente, no que se refere à passagem dos sentidos.



Cristina Lacerda relata-nos que as diferenças entre traduzir e interpretar são fundamentalmente operacionais. Intérprete e tradutor precisam conhecer o que se refere o assunto abordado, conhecer as expressões das duas línguas e o vocabulário específico destas.

Portanto, na interpretação, a escolha linguística é fundamental, rápida. É importante saber qual o sentido do texto e este só se realiza durante o processo de interpretação de sentidos e significados.

Traduzir é um território emergencial, onde se busca possíveis soluções para o enigma de interpretar. O tradutor precisa, no ato de traduzir, focar sua atenção máxima.

A autora ainda destaca que é preciso refletir sobre como se dá a formação dos intérpretes e o conhecimento amplo e profundo destes dos temas abordados, além de que os tradutores/intérprete necessitam um mergulho nas duas línguas em questão.

Numa tradução é de fundamental importância, desenvolver e compreender as sutilezas das mensagens. E este não é somente um trabalho linguístico mas cultural e significativo.

O conhecimento do intérprete vai além das duas línguas e, certamente, exige uma formação plural, interdisciplinar e busca uma polissemia e uma significação e ainda, variadas possibilidades de atuação.

A partir de dados da pesquisa realizada em salas de aulas bilíngues com a presença de intérpretes, tornou-se necessário repensar as escolas de surdos e o binômio escola ideal e escola real.

O grande problema é que o processo inclusivo não garante uma escola bilíngue para o surdo. E a escola precisaria, segundo o resultado das pesquisas apresentadas no livro, garantir o acesso do surdo à Libras e também a interação social entre os pares surdos e ouvintes.

Na pesquisa, questionou-se entre outras interrogativas:

1. Qual seria o papel do intérprete em sala;
2. Como é possível numa escola bilíngue ampliar a bagagem linguística e cultural e conquistar o urgente conhecimento escolar do surdo?

Concluindo, o que temos são questões sem resposta, pois somente leis e decretos podem ser importantes, mas não suficientes, há que se introduzir ações e alcançar a condição linguística especial do surdo e a criação de uma escola bilíngue real para os mesmos.

Nesta direção para a inclusão do surdo, e efetivação dos seus direitos, a informação, reflexão e parceria são imprescindíveis, assim como o reconhecimento da profissão de intérprete de Libras.

É saber das implicações da surdez na comunidade surda, e conviver com esta, e que a medida que a Língua de Sinais passa a ser reconhecida, os surdos ampliam sua participação e garantem sua língua.

É urgente obter acesso à Língua de Sinais e o direito à mesma.

Cristina Lacerda afirma que quanto mais respeitada, a comunidade surda vai se consolidando. E esta se faz durante discussões e debates a respeito do surdo, seus direitos linguísticos e assim, ressignificar a comunidade surda e outras.

Desta maneira, o processo educacional dos surdos precisa ser revisto possibilitando a aquisição de conhecimento pelo sujeito surdo uma vez que os surdos, intérpretes e a comunidade se ressentem das práticas escolares pois estas são, como relatado no presente estudo, na maioria das vezes, práticas de escolas de ouvintes e não pensando nas especificidades dos alunos surdos.

Segundo o presente estudo, para uma real efetivação da escola bilíngue, o tradutor/intérprete deverá estar inserido na equipe educacional, favorecendo as trocas e informações, encontros, planejamento e, principalmente, garantindo uma eficaz parceria com o professor de sala de aula. Além do que, a Língua de Sinais, deve circular livremente no espaço escolar, compartilhada por professores, alunos e comunidade escolar.

O intérprete segundo a pesquisa, deve estar inserido na escola bilíngue sugerindo formas de se fundamentar a real integração e aprendizagem do surdo no contexto da escola bilíngue.